

às 20 horas no lugar de sempre
diana tavares

**À MINHA MÃE, A MINHA ESTRELA-GUIA.
À ÍRIS E AO BENJAMIM, QUE ME
MOSTRARAM A FORÇA DO AMOR.**

Um eterno obrigada!



Playlist



Fall – JAMES ARTHUR

Oceans – SEAFRET

Fix You – COLDPLAY

Faded – ALAN WALKER

Pray – KODALINE

Dog Days are Over – FLORENCE AND THE MACHINE

Someone to Stay – VANCOUVER SLEEP CLINIC

Helium – SIA

Saturn – SLEEPING AT LAST

Here Comes The Sun – THE BEATLES

Angels – ROBBIE WILLIAMS

Abismo

FALL — JAMES ARTHUR



1

— ELE MORREU, CAMILA, MORREU.

Foi esta a frase dura que a Maria proferiu, a frase que eu sabia que ia ouvir mas não queria que fosse verdade. A dor, a incerteza, o medo, apoderavam-se do meu corpo, enquanto tentava digerir o que aquela perda causava em mim. Por momentos preferi morrer, queria ser eu privada do ar, da luz, das cores que a primavera me dava. Só queria fechar os olhos e não sentir. Não queremos sofrer com a perda, ao mesmo tempo somos «egoístas» quando queremos partir antes dos nossos — eles ficam aqui, sozinhos com a sua dor, enquanto nós estamos livres. Será que isso faz de nós altruístas?

Pensei muito nisso nessa manhã. Só porque queria ser eu a deixar de sentir. Queria trocar de lugar com o Francisco, não sei se pela dor que me consumia por completo ou pela incerteza do que seria o amanhã. Talvez fosse mais fácil não me permitir essa incerteza, desistir antes de tentar, assim nunca fracassamos. Sentia-me perdida, naquele corredor do hospital, depois de me ter recusado a ficar na sala de espera; não queria ver ninguém, não queria ouvir ninguém.

Dizem que aprendemos com as perdas. Eu não via qualquer ensinamento ali, como poderia ver? Como é que uma perda podia ensinar-me e ajudar-me a crescer? Sentia-me cada vez mais pequenina com a minha dor. Estava num buraco sem fundo onde o medo imperava, onde não via saída, caminho ou soluções. Só queria que a dor me levasse, queria o fim, fosse ele qual fosse. Não imaginava a minha vida a partir daquela manhã e nem sequer queria tentar fazê-lo. Seria cobardia? Talvez. Talvez fosse demasiado fraca para encarar aquela projeção de vida, desprotegida e sem rumo. Mesmo sabendo que ao lado do Francisco a minha vida nunca seria feliz. Ainda assim, era ele que estava ali, levou-me para o fundo do poço mas permaneceu comigo até ao dia que decidi deixar-me.

Não conseguia perdoá-lo. Como foi que ele teve coragem, se me prometeu que seria sempre meu, que estaria sempre ao meu lado? Já não sabia se o amava ou odiava, só sabia que doía.

Num turbilhão de emoções e perguntas sem resposta, tive de parar. Não para viver a dor, mas porque dois médicos vieram até mim e me questionaram sobre o que tinha acontecido. Fui bombardeada com perguntas quando a única coisa que queria era gritar e fugir dali. Perguntaram-me sobre a família do Francisco e dei-me conta de que nada sabia sobre ele. Continuava a saber apenas que ele estava lá para mim. Sentia que tinha perdido um desconhecido que me seduziu e me fez sentir apaixonada e especial, que me levou de um mundo quase perfeito e me fez conhecer o caos. Porque é que eu o amava? Porquê? Sentia-me fracassada,

por várias razões, e a principal por nem eu saber o porquê de amar aquele homem. Comecei a culpá-lo por me ter tirado tudo, mesmo sabendo que fui eu que me permiti isso. Acho que me faltava tanto que o pouco que o Francisco me deu pareceu-me então perfeito. Pareceu-me suficiente.

Aperceber-me de que a culpa de estar perante um abismo foi minha, só minha, doeu mais que aquela perda, porque percebi que me tinha perdido a mim por completo e sem qualquer esperança de voltar a encontrar-me. Aquele dia parecia não ter fim, só queria que acabasse, o dia ou a minha vida. O fim era a única coisa por que ansiava. As perguntas não findavam e enquanto me sentia inútil por pouco ou nada saber nem conseguia assimilar as perguntas que me eram feitas. Questões sobre a família do Francisco, amigos, o funeral, tudo ali parecia tão rápido e inquestionável, e a única coisa que eu não via passar era o tempo. Questionei-me se alguém me dava a oportunidade de sentir dor, de a viver, comigo mesma. Se do nada me dava uma vontade de ter um abraço que me acalentrasse, do nada também vinha a vontade de fugir e estar só, para que pudesse viver a dor na sua plenitude.

Enquanto tentava responder àquelas perguntas surgiu uma psicóloga que a equipa médica encaminhou para me ajudar. Chamava-se Benedita, era morena e tinha o cabelo castanho e ondulado que terminava num corte direito mesmo acima dos ombros, e os seus olhos pareciam duas azeitonas de tão escuros que nem lhes via o fim. Era muito bonita e tinha um ar muito doce. Confesso que a sua ternura chamou a atenção, ao mesmo tempo que a minha frieza imperava por não querer aceitar tudo o que estava a acontecer.

— Olá, Camila, sou a Benedita. Sou psicóloga aqui no hospital, contaram-me o que aconteceu e resolvi vir falar um bocadinho consigo. Pode ser?

— Não me apetece falar.

— Claro. Eu compreendo.

Achei que a doutora Benedita ia insistir, mas apenas aceitou a minha resposta. Fez-se um silêncio que se tornou ensurdecedor e obrigou-me a quebrá-lo. Não sei se era estratégia, se era falta de interesse da sua parte, ou cansaço. Mas a ideia de ter alguém ali parado a olhar para mim era mais incomportável do que tentar arranjar meia dúzia de palavras para a despachar.

— Vai ficar aqui a olhar para mim? Não tem mais nada para fazer?

— Não. Como lhe disse, vim aqui para estar um bocadinho consigo.

— Pois, mas não é preciso. Eu fico bem, fico sempre — atirei, tentando despachá-la.

— Isso é bom. Mas todos nós precisamos de alguém, até nas alegrias para as podermos partilhar, o que dirá na dor quando tudo parece que desaba em cima de nós e não vemos saída.

— Já perdeu alguém importante para si, para saber como dói? Ou baseia-se no que os seus pacientes lhe dizem? É um bocadinho diferente.

— Sim, o meu filho Miguel, de quatro anos. A leucemia quis levá-lo, fez

ontem um ano que partiu e conheci a maior dor de todas. Foram trezentos e sessenta e cinco dias de dor, acho até que estou bastante habilitada a falar sobre ela. Ou, melhor, sobre a forma como vivemos com a dor, como a aceitamos e educamos até.

Senti-me tão pequenina, que qualquer palavra que pudesse dizer ia ser inútil. Desviei o olhar sem conseguir encará-la, enquanto mantinha os meus cotovelos em cima dos joelhos, que iam abanando sistematicamente.

— Lamento, mas ainda assim eu não preciso de ajuda. É só um dia menos bom. Tudo passa.

— Eu também lamento. A dor atenua-se, tem razão. Há dias melhores, outros piores. Mas é muito bom termos alguém para nos ouvir. Sem nos julgar. Há quem diga que os psicólogos são nossos amigos, mas não são. Eu não vou ser sua amiga, isso ia fazer com que não a conseguisse ajudar como devia.

— Como assim? — perguntei, surpresa.

— Os amigos julgam sempre, por melhores pessoas que possam ser. Eles não calçam os nossos sapatos, e eu também não vou calçar os seus, até porque não consigo, nem posso. Como psicóloga, em momento algum irei julgá-la, Camila. Não se trata do que está certo ou errado. A minha missão é só uma, ajudar a Camila a encontrar as soluções que já estão dentro de si para curar as suas feridas. Para que encontre a sua força interior, ou acha que não a tem?

— Sinceramente, acho que nunca tive, e se estou aqui hoje talvez seja por isso. Por ter sido demasiado fraca com as situações, com as pessoas. Porque sempre preferi o caminho fácil. Acho que essa procura pela força interior parece um bocadinho um mantra de rede social. Será que se encontra mesmo alguma coisa? — Fitei-a com o meu olhar enquanto mordiscava a manga da minha camisola vermelha-escura, que já parecia negra com todas as lágrimas que nela caíam.

— Já tentou, Camila? — Baixou ligeiramente o rosto para que me visse mais de frente. Tinha-se sentado no chão, ao meu lado, com a sua bata branca e os seus ténis também brancos, que mais pareciam acabados de lavar.

— Já. Mas, lá está, não encontrei nada, porque sou demasiado fraca e impaciente e desisti sempre antes de lá chegar.

— Então, se desistiu antes de lá chegar é porque sabe que se continuasse essa procura ia chegar a algum lado, certo?

Não lhe respondi de imediato. Sabia que a doutora Benedita tinha razão, mas para mim era mais fácil não procurar essa força e perder-me entre caminhos e abismos. Sempre senti que alguém me ia amparar, mesmo dizendo para mim mesma que nunca precisava de ninguém e talvez por isso essa força nunca precisou de vir à tona. Se calhar era aquele o momento, era aquela dor que me ia fazer procurar essa força independentemente da sua dimensão. Ainda assim respondi-lhe:

— Talvez. Não sei. Nem sei muito bem se preciso de força ou se a minha vontade é deixar que a dor me enfraqueça. Acho que é mais fácil não sofrer.

— Acha que não sofremos todos, por algum instante, algum dia?
— Não disse isso. Mas a minha fraqueza talvez seja essa, não querer sofrer e preferir perder logo do que perder a tentar.

— Sim, parece mais fácil e talvez dê menos trabalho. É sempre melhor não sofrer. Mas assim também não sabemos o que pode vir de bom depois.

— Não há nada de bom quando perdemos os que amamos e pensei que a doutora sabia isso.

— E se houver?

— Quer que eu acredite que a perda do seu filho trouxe algo de bom?

Arrependi-me assim que a questioneei. Ao mesmo tempo sentia-me no direito de disparar em todas as direções sem medir a frieza das palavras que proferia. Eu não queria aquilo, eu não queria estar ali, não queria ter aquela conversa.

— Também não lhe disse que a perda do meu filho trouxe algo de bom. Apenas a questioneei sobre isso. E se vier algo bom depois? Prefere desistir do que curar as feridas para ver a que caminho a levam. Acha que esta dor é o fim, Camila?

— Não sei. Só sei que preferia que fosse. Pelo menos hoje.

— Eu entendo. Tem sonhos, Camila?

Ri-me, porque não tinha resposta para lhe dar. Falar de sonhos quando tinha acabado de perder a pessoa que amava parecia contraditório. Porque haveria eu de querer sonhar se os meus sonhos se tinham ido juntamente com o Francisco? Começava a achar que aquela conversa não me ia levar a lado nenhum, nem sabia muito bem o que deveria dizer ou fazer. Só queria aquele meu momento a sós com a minha dor. Será que ninguém percebia isso?

— Acha mesmo que quero pensar nos meus sonhos agora? — Mostrei-me insatisfeita.

— Não. Não disse para pensar neles. Só perguntei se tem sonhos.

— Sei lá, acho que todos temos — atirei como resposta sem pensar.

— E se eles forem a força de que precisa para encarar a dor?

— Sinceramente, não me parece que sejam possíveis, nem agora nem depois. Para quê sonhar se não passam disso mesmo? Nunca deixam de o ser. Acho que o nosso problema é vivermos disso mesmo. A acreditar que algum dia tudo muda. Que vem alguma coisa boa depois. Que após a tempestade vem a bonança. Há anos que não vejo essa bonança, talvez me passe sempre ao lado; já as tempestades nunca se enganam na morada. Fazem questão de marcar presença, e quando acho que não pode piorar tudo piora outra vez. Vou sonhar ainda assim? Para quê? Iludir-me todos os dias com algo que nunca chega?

— E a Camila faz alguma coisa diferente em cada dia para que essa bonança chegue?

— Está a insinuar que a culpa de ser infeliz é minha?

— Não. A não ser que a própria Camila ache que seja.

— Não tenho culpa de não conseguir sair deste buraco. Tenho culpa de ter

entrado, de me ter desviado e perdido aos poucos. Mas acha que é fácil? Acha que eu quero isto para mim?

— Acredito que não seja. Como lhe disse, não tenho como calçar os seus sapatos. Mas, sabe, muitas vezes encontro pessoas que querem que a sua vida mude. Querem fazê-lo genuinamente, vejo isso nas suas palavras de desespero. Mas todas elas têm algo em comum. Todas têm medo da mudança, e todas elas, todos os dias, fazem exatamente a mesma coisa. Têm os mesmos comportamentos, os mesmos medos, a mesma rotina. Todas se acomodam. Como é que acha que se alcança a bonança se temos medo da bagagem que ela traz? Como é que queremos avançar se estamos estáticos? Como é que se supera o medo se não o enfrentarmos? Não pisar o ringue com medo da derrota faz-nos perder a oportunidade de degustar a vitória. A vida é feita de tantos «mas» e «ses» que se nos refugiarmos no medo nunca saberemos o que está para lá dele. A Camila diz que não tem culpa de não conseguir sair desse buraco. Mas se eu lhe der a mão vem comigo? Deixa-me ajudá-la?

— Já lhe disse que não preciso de ajuda, a dor está em mim. Não há nada que possa dizer que me consiga ajudar.

— É a dor que está em si ou é a Camila que quer morar nela?

Deixei-a sem resposta. Pensei mais naquelas questões naquele dia do que no último ano da minha vida. Era difícil aceitar a dor. Era ainda mais difícil saber que tinha de ter força para a afastar de mim.

— Vou dar-lhe o meu contacto, Camila. Se algum dia tiver vontade de me ligar, pode fazê-lo. Mas lembre-se de que não adianta eu lançar uma corda para alcançá-la nesse poço se a Camila não a agarrar. Pode até largar a corda a meio, não se culpe se isso acontecer. Quando se sentir preparada para começar a escalada da sua vida, ligue-me.

Consenti, achando que isso nunca ia acontecer, ao mesmo tempo que lhe estava grata por, no meio daquele turbilhão, nunca me ter perguntado o que tinha acontecido. Não que as suas perguntas fossem fáceis, eram até mais difíceis, mas pelo menos por momentos esqueci-me do que me tinha levado ali. Colocou-me a mão no ombro e fez um ligeiro aperto como se quisesse dizer que ia ficar tudo bem, mesmo sabendo eu que não. Esboçou um sorriso ténue, levantou-se e foi acelerando o passo à medida que se afastava na imensidão daquele corredor.

Enquanto a doutora Benedita se afasta vejo a Maria ao longe, a vir na minha direção com os seus caracóis que se movimentavam a cada passo. Tinha estado a falar com os médicos e a tentar encontrar alguém da família do Francisco. A Maria era a única pessoa que me podia amparar, mesmo sabendo que ainda tinha muitas quedas pela frente.

— Camila, como estás? — Debruçou-se à minha frente, ficando de cócoras enquanto mantinha as mãos nos meus joelhos.

— Que resposta queres que te dê?

— Encontrámos um tio do Francisco. Ele disponibilizou-se a tratar do funeral. Pelo menos em relação a isso podes ficar mais descansada.

— Ótimo, estou superfeliz — respondi com ironia.

Ser irónica naquele momento não fazia sentido. Mas também já nem sabia o que estava a fazer. Tinha medo de sair dali sem o Francisco, tinha medo de tudo. E o ataque parecia-me sempre a melhor defesa.

— Desculpa estar a ser parva — desabafei. — Eu não percebo, Maria, não percebo. Estávamos só a divertir-nos, mas fiquei tão cansada que adormeci. Não faço ideia do que o Francisco consumiu depois. Eu não estava lá para o fazer parar, eu não estive lá quando ele precisou de mim, como é que vou viver com isto? Porque é que ele não parou, Maria, porquê? A minha vida acabou. Tens noção disso?

— Calma, Camila, vais conseguir dar a volta. Se for preciso vens para minha casa, não sei. Mas, seja como for, sabes que vais ter de arranjar dinheiro, e não quero estar já a alertar-te para isto, mas sabes que o Francisco ficou a dever a alguns tipos lá do bairro, não sabes?

— Sei. Achas que eles vêm atrás de mim. Eu não tenho nada, Maria. — Desabei a chorar mais uma vez. As minhas mãos tapavam-me o rosto e as lágrimas escorriam, tingindo cada vez mais a minha camisola de outra cor.

— Não sei. Mas eu vou pedir ao Nando, ele vai falar com eles, mas ainda assim devias tentar arranjar algum para os acalmar. Eh, pá, Camila, vais ter de te virar. Desculpa se pareço insensível às vezes, mas já vi muita coisa naquele bairro. Não quero que te aconteça nada, gosto muito de ti, miúda, nem sequer mereces estar ali. Não pertences àquele bairro, faz os possíveis para ir embora.

As mãos seguravam-me a cabeça e as lágrimas não paravam de cair. Nunca pertenci àquele bairro, mas com o Francisco do meu lado sentia que nada de mal me aconteceria. Tinha perdido tanto, o que eu dava naquele momento para ter a minha vida de volta, para voltar para o lar que me acolhia todos os dias em Lisboa. Ter a minha casa, o meu quarto com vista para o Tejo, os lençóis brancos que me aconchegavam todas as noites. Que saudades daquelas noites serenas e de acordar com os raios de sol no meu rosto... De passar pelo Sr. António, que era só o porteiro mais afável, que dizia que eu era a sua artista preferida. Talvez até fosse a única e ele não conhecesse mais ninguém; ainda assim, era música para os meus ouvidos e fazia-me sentir especial. Como foi que eu me deixei perder? Como foi que deixei o meu sonho para trás?

Nada encaixava naquele dia, só a dor que já se tinha enraizado no meu corpo e no meu coração. O meu corpo estremecia, a adrenalina ainda se fazia sentir e a minha cabeça parecia que ia explodir a qualquer momento. Olhava incessantemente para aquelas riscas finas e azuis que alongavam ainda mais o corredor, e tudo se resumia àquilo, até ao fim da vida.

Todos terminávamos assim, naquela linha longitudinal. Mas era hora de

regressar a um bairro que não era meu, a um lar que não me acolhia, à cama por fazer e com os lençóis desbotados, ao vício, aos olhares de dor onde não existe afeto nem empatia. Era hora de regressar ao mundo do cada um por si, ao roubo constante, acima de tudo ao roubo da esperança que ao fim e ao cabo era o que se roubava de mais importante ali. Ao fim de cada dia nenhum de nós tinha nada, e vivíamos mais um dia para repetir o processo. Nunca tínhamos nada, nem os sonhos que eram levados por aqueles que amávamos. Com a morte do Francisco só ganhei uma coisa, mesmo se pouca: a consciência. De tudo o que perdi, de tudo o que não era meu, de que tudo é efêmero na vida e ainda assim nos permitimos perder.

2

ABRI A PORTA DE CASA. OUVI O SILÊNCIO E SILENCIEI-ME COM

ele. Não havia nada, muito menos alguém para falar. Fiquei a olhar o vazio, sem saber o que fazer, o que sentir. Nada daquilo era meu, aquela casa, aquele sofá castanho com rasgões que uma vez ou outra tentava disfarçar com uma almofada, como se aquele gesto fizesse diferença e anulasse o seu desgaste. Olhava à minha volta e não conseguia ver o futuro, já não sabia se tinha sonhos, só tinha medo, medo de sair do lugar e não saber onde ia pisar.

Olhei para a gaveta onde guardava todos os meus momentos de adrenalina e prazer. Era um móvel velho e desgastado usado, como todos os outros naquela casa. Tinha duas gavetas e duas portas em baixo, onde guardava o calçado. Em cima, a única coisa que trazia vida àquele espaço era uma planta. A única que tinha sobrevivido do meu apartamento na capital. Continuava com as folhas verdes e viçosas, mesmo esquecendo-me de a regar, tal como deixei de o fazer comigo. Por cima, na parede, um espelho redondo para onde evitava olhar sempre que entrava e saía de casa. Não que as minhas feições tivessem mudado muito naqueles dois anos, mas sabia que aquela já não era a minha pele, já não era a Camila que outrora não dispensava arranjar o cabelo e maquilhar-se. O meu cabelo mantinha o seu tom castanho-claro e a sua ondulação natural, mas não o cortei desde então e estava visivelmente fraco e sem vida, o que era uma perfeita antítese com a beleza daquela planta que se mantinha fiel a si mesma. Já não usava os vestidos curtos que me caracterizavam, e tinha vendido a minha «coleção» de *blazers*, que era o único vício que tinha e de que tanto me orgulhava.

Olhar-me ao espelho mostrava-me que essa Camila já não existia, e era cada vez mais difícil encontrar uma forma de a resgatar. Aquela gaveta era o meu refúgio, a minha voz interna, que mesmo com malícia me dizia para a abrir e que ia ficar tudo bem. A cocaína estagnava a minha dor, paralisava os ponteiros do relógio, era como se o mundo parasse de girar só para me permitir sentir... nada. Abri a gaveta e tinha o suficiente para uns três dias. Aquela ânsia e incerteza despertaram uma crise que se tornou incontrolável e só quando alimentava o meu vício é que o corpo relaxava, tudo ficava mais fácil, pelo menos por umas horas. E vivia assim dia após dia, ou, melhor, existia. Quando dava conta estava envolta numa bola de neve a descer pela montanha mais íngreme, e só encontrava um sentido, até porque é mais fácil descer do que subir. Será que admitir a fraqueza é mais fácil do que procurar essa tal força interior? Não quis pensar mais, deixei que aquele pó me adormecesse e mentalizei-me que estava tudo bem, naquele instante era só o que importava, estava tudo bem, mesmo que fosse um bem-estar ilusório.

Acordei no dia seguinte de manhã, à espera de que os raios de sol me cobrissem o rosto, mas eles não apareceram. Nunca apareceram por ali. Aquela cama estava mais vazia que nunca e despida de calor e esperança. Aquele quarto nunca fora bonito, mas naquela altura era tudo ainda mais sombrio. O funeral do Francisco era nessa tarde; não queria ir, pois como em tudo na minha vida faltava-me a coragem. Não sei se de o ver imóvel e sem me dar a mão, não sei se por não aguentar a dor da despedida, ou se da raiva por ele ter faltado à sua promessa de me proteger para sempre. Nesse dia olhava para tudo e não via nada, andava por ali, num apartamento com pouco mais de 50 metros quadrados, não tinha muito para onde me deslocar, mas percorri-o dezenas de vezes. Entrei na cozinha estreita que só permitia a passagem de uma pessoa de cada vez, mas que a partir daquele dia era suficiente. Tinha poucos móveis, todos brancos, até eram bonitos, pois o senhorio tinha renovado a cozinha há uns meses, era o único espaço bonito daquela casa. A bancada a imitar madeira era semelhante à que tinha no meu apartamento em Lisboa, o que me fazia sentir alguma nostalgia. Continuava naquela minha correria incessante para que o tempo voasse sabe-se lá para onde. Um bater de porta quebrou o silêncio e os meus passos. Por momentos estaquei.

— Olá, Nando, és tu...

O Nando era um amigo do Francisco, namorado da Maria, viviam juntos há alguns anos ali no bairro, no prédio paralelo ao meu.

— Camila, não vens?

— Não, não consigo — respondi cabisbaixa.

— O Chico ia gostar, miúda.

— Eu sei. Desculpa, mas não consigo mesmo, é demasiado para mim.

— Tu é que sabes, não vou insistir. Olha — fez uma pausa —, sobre aquele assunto, a Maria falou comigo e já falei com o Xavier. Eles não vão quitar as dívidas e querem que as pagues.

— Mas eu...

O Nando interrompeu-me, sem que pudesse terminar a frase para lhe dizer que não tinha nada para dar ao Xavier.

— Calma, eu disse-lhe para ele tratar disso comigo e que ias pagar tudo. Mas vais ter de te virar, Camila, faço isso pela minha amizade com o Chico mas não posso ficar com as dívidas dele.

— Claro, desculpa pôr-te nesta situação. De quanto é a dívida? — perguntei, receosa, mantendo os braços cruzados e o olhar baixo.

— 2500 €.

— A sério?! Eu não consigo esse dinheiro. Deram-te ao menos um prazo?

— Tens três dias para arranjar pelo menos 1000 €. Pelo resto eles podem esperar mais um pouco. Camila, o Xavier não vai facilitar, eu conheço-o bem. Vais ter mesmo de arranjar o dinheiro.

— Eu não consigo arranjar 1000 € em três dias. Como é que queres que o faça? — questionei-o, assustada.

— Tu sabes o caminho mais fácil.
— Achas que me vou prostituir? Estás doido?
— Não acho nada, só sei que vais ter de arranjar o guito. Há alturas na vida em que não podemos escolher.

Achei que o meu mundo tinha desabado com a morte do Francisco. Mas percebi que a minha vida era uma constante queda livre e que a tempestade tinha mesmo vindo para ficar. Imaginar alguém a tocar no meu corpo sem ser por minha vontade foi das imagens mais cruéis que criei na minha mente. Aquela sensação de me perder mais uma vez, e de ter de ceder em algo que ia roubar por completo a minha essência, fez-me regurgitar o pouco que tinha no estômago. Tinha de haver uma solução que não me fizesse perder tanto de mim. E eu sabia qual, apesar de ter prometido a mim mesma que nunca quebraria a promessa que tinha feito.

3

NO DIA EM QUE OS MEUS PAIS ME EXPULSARAM DAS SUAS

vidas prometi que nunca mais os voltava a procurar. Não porque me fizesse bem e porque queria. Mas para o bem deles. Sabia que a minha mãe nunca aceitaria ajudar-me, mas sabia que o meu pai não teria coragem de me deixar desprotegida. Peguei no telemóvel e fiz provavelmente o telefonema mais difícil da minha vida.

— Boa-tarde, ligou para a Quinta Castelar, em que posso ajudar?

— Boa-tarde, Fernanda. É a Camila, a filha do doutor Castelar.

— Olá, doutora Camila, que gosto em ouvi-la. Já não a vejo há uns dois anos, tem de nos fazer uma visita.

— Iguamente. Sim, um dia destes tenho de passar aí.

— O seu pai está muito orgulhoso do trabalho que tem feito na universidade em Londres. Mas tem muitas saudades suas, vejo-o no olhar.

— Em Londres? Sim, claro, a distância é a parte mais complicada de gerir. — Fiz uma pausa enquanto um nó se alojava na minha garganta. — Fernanda, eu não estou a conseguir contactar o meu pai. Pode passar a chamada, por favor?

— Claro, doutora Camila. Desejo-lhe a continuação de muito sucesso e não se esqueça da visita.

— Claro que não. Obrigada, Fernanda.

Tive vontade de desligar a chamada. Tinha «obrigado» o meu pai a criar todo um cenário ilusório de que eu tinha uma vida de sucesso em Londres a trabalhar numa universidade. O meu pai não merecia aquilo, ele próprio não merecia viver nessa ilusão para que fosse mais fácil aceitar a distância que nos separava. Que pai ia querer admitir ter uma filha toxicodependente? Que era professora universitária, que tinha o privilégio de ver jovens a crescer, a tornarem-se verdadeiros artistas na arte de criar, e que abdicou de tudo? Pior do que ter perdido a minha vida foi tê-lo feito perder a dele. O meu pai era a pessoa mais doce que conhecia, tinha um ar autoritário, com o seu cabelo grisalho, que fazia dele o homem mais charmoso que vira na vida. Eu tinha o poder de o desarmar: por trás daquela capa de homem imponente e de líder nato havia um coração com uma generosidade imensa, que não aceitava injustiças e que lutava sempre pela igualdade fosse em que área da vida fosse.

Não via o meu pai há quase dois anos, mas imaginava-o igual, com a barba impecavelmente aparada e sempre com o mesmo tamanho. Quando era criança questionava-o se ele usava uma régua sempre que ia ao barbeiro, porque não tinha ideia de o ver de outra forma. Ele ria-se sempre e dizia que tinha um truque para que a barba se mantivesse assim. Truque esse que nunca me contou, o que

me deixava sempre com a pulga atrás da orelha. O meu pai era o meu amparo, eu era a menina dos seus olhos e ele o regalo dos meus. Apesar da vontade de querer desligar a chamada por saber o motivo da mesma, o desejo de ouvir a voz dele prevalecia.

— Camila?

— Pai...

— Disseste que nunca irias ligar.

— Eu sei. Desculpa... — Tentei aguentar um pouco mais aquele nó na garganta. — O Francisco morreu — proferi com a voz embargada em dor.

— Não tenho pena dele. Mas lamento a tua perda.

— Obrigada. Como é que estás? E a mãe?

— Não te preocupes connosco. Ligaste para nos contar sobre a morte do Francisco?

O nó que se fazia sentir na minha garganta quase não permitia que o ar passasse. Tudo o que eu mais queria era ouvir a voz do meu pai. Dizer-lhe que o motivo pelo qual tinha ligado era o dinheiro fazia-me sentir a pior pessoa do mundo e sabia que ia fazer o meu pai sofrer mais uma vez.

— Também, mas precisava de falar contigo. O Francisco deixou algumas dívidas e um dos amigos dele disse-me que tinha três dias para lhe pagar 1000 €. Eu consigo o dinheiro, mas não em três dias; se me pudesses emprestar esse dinheiro eu mal consigo devolvo, pai.

— Claro, por que outro motivo me irias ligar? Confesso que cheguei a pensar que tinhas saudades — proferiu com desalento.

— Muitas, todos os dias, pai, todos os dias. E peço-te que nunca duvides disso, por favor. Mas eles vêm atrás de mim se não pagar esse valor em três dias. Se não quiseres emprestar tudo bem, eu entendo e não te julgo por isso. Vou continuar a amar-te da mesma forma.

— Amar? — questionou com algum sarcasmo e dor à mistura. — Foi isso que fizeste quando me deste o maior desgosto da minha vida.? Isso é amor, Camila?

— Pai...

— Eu dou-te o dinheiro, não o quero. Mas, por favor, não me voltes a ligar. Amanhã telefono para este número para te entregar o dinheiro. Adeus, Camila.

— Pai?

Não pude responder, o meu pai não me deu tempo e não o condeno por isso. Aquele silêncio só foi quebrado com o meu choro compulsivo. Era o meu pai, a pessoa que me deu tanto e acima de tudo tanto me amava. Sem dúvida que magoar aqueles que amamos dói mais do que nos magoarmos a nós próprios; ao mesmo tempo não me imaginava a viver com a dor de ter de me prostituir para pagar as dívidas do Francisco. Deixei-me cair naquele sofá rasgado e não me interessava se aqueles rasgões eram visíveis ou não, já não havia nada pelo que lutasse e ver uma casa minimamente arranjada não era de todo a minha prioridade.

O dia chegou ao fim. Um dia que parecia não querer acabar. As saudades do meu pai não me largavam. A voz dele ressoava em mim a toda a hora, e a única coisa que eu queria era o abraço apertado do meu pai; no fundo era ele a minha casa, desde que me recorde de morar nos seus braços pela primeira vez.

O dia amanheceu com o telemóvel a tocar. Era um número privado, mas resolvi atender.

— Sim?

— Olá, Camila.

— Pai... Bom-dia, como é que estás?

— Bem, tenho aqui o dinheiro que me pediste. Posso entregar-to agora? Tenho uma reunião daqui a uma hora e dava-me jeito que fosse antes.

— Sim, como for melhor para ti. Como queres fazer? Há um hipermercado aqui perto, podemos encontrar-nos no estacionamento, se quiseres.

— Sim, não me faz diferença, além disso tem de ser rápido. Envia-me a localização e sigo para aí.

— Tudo bem, eu envio já uma mensagem. Obrigada, pai.

O meu pai falava estritamente o essencial. Cortava-me qualquer perspetiva de iniciar uma conversa com ele. Mal desligou a chamada recebi uma mensagem a dizer para enviar a localização para aquele contacto. Enviei a localização e levantei-me a correr. Nem me apercebi muito bem do que vesti naquela manhã: abri o roupeiro e tirei as primeiras peças que vislumbrei. Só queria sair dali e vê-lo chegar.

Era impossível não estar ansiosa. Não via o meu pai há quase dois anos, as saudades eram muitas, a vontade de o abraçar, sentir o seu toque, o cheiro do seu perfume, que era o mesmo desde que me lembrava. A sua mão pesada no meu rosto que se tornava tão leve quando me acariciava. Tinha saudades de tudo. Não tinha dúvidas de que aquele ia ser um dos momentos mais felizes dos últimos tempos, voltar a ver o meu pai mesmo sabendo o desgosto que lhe causara e estando ciente de que nada seria como antes. Talvez o seu cheiro e a sua barba fossem das poucas coisas que se manteriam iguais.

Esperei perto da entrada para o estacionamento, estava sentada no muro que o delimitava e vi o meu pai chegar. No seu Mercedes preto, que tínhamos escolhido juntos meses antes de me perder. Senti por momentos como se o meu coração tivesse parado: era o meu pai, ali, tão perto de mim mesmo com toda a distância que nos separava emocionalmente. Estacionou o carro mesmo ao pé de mim. Saiu e veio na minha direção. Contemplei-o naquele curto trajeto, de semblante carregado e triste, com um jornal na mão esquerda.

— Camila... — Proferiu o meu nome sem deixar que os seus olhos abandonassem os meus.

— Pai... — admirei-o. — Tenho tantas saudades tuas. Posso dar-te um abraço? — questionei-o, esperançosa.

— É melhor não. Só vim entregar o que me pediste. Como te disse estou com pressa e tenho de ir embora — respondeu com frieza.

— É só um abraço, são uns segundos.
— Para ti pode ser só um abraço, para mim não.
— OK — assenti. — Obrigada por teres vindo. A mãe como é que está?
— Sem aceitar o desgosto que nos causaste. Mas não vim aqui falar disso. O dinheiro está num envelope no meio do jornal, achei que seria melhor entregar-to assim.

— Desculpa, pai. Algum dia vais conseguir perdoar-me?
— Tenho de ir, Camila. Cuida de ti.
— Pai?!

Virou-me as costas, uma despedida fria carregada de frustração e dor. Foi a primeira vez que senti a sua figura autoritária diante de mim. Não consegui desarmá-lo como dantes. Senti que deixara de ser a menina dos seus olhos, mesmo que ele fosse para sempre o deleite dos meus. Questionei-me como pude fazê-lo sofrer daquela forma. A dor imperava no seu olhar e a causa era eu. Tudo aquilo era tão difícil de suportar que sentia o meu coração a dilacerar-se.

Vi-o a afastar-se e as lágrimas cobriram todo o meu rosto, e uma sensação de impotência também. E enquanto os metros entre nós nos separavam ainda mais, o meu pai decidiu parar. Senti tanto naquele segundo que nem o consigo descrever em palavras. O meu pai virou-se e aproximou-se novamente de mim. Acreditei que ele queria o mesmo abraço que eu, mas rapidamente percebi que não.

— Sabes, Camila... Achei que ias estar diferente, e talvez seja isso que me custa mais. Estás bonita, consigo ver a minha filha Camila aí. Esse vício não te pertence, mesmo que o uses ele não se agarra a ti. Não é teu. Só não entendo porque queres que seja. Eu dei-te tudo, filha, tudo. Onde foi que eu falhei?

— Nunca falhaste, pai, nunca. És o melhor que tenho na vida, sempre foste. Seria incapaz de medir o amor e a gratidão que sinto por ti. És o melhor pai que eu poderia ter.

— Pelos vistos, não — atirou. — Faz-me um favor, Camila. Não voltes a procurar-me. É só o que te peço, esquece que sou teu pai. A tua mãe tem razão, não dá para suportar este desgosto, Camila, não dá.

— Pai!...
— Adeus, filha.

Ali soube que ele não voltava atrás. Que a distância ia ser cada vez mais longa. Aquela despedida era como uma faca afiada cravada no peito, era dor. Que dor senti ali, já nem sabia onde doía mais, só sabia que era dor e que o meu mundo tinha desabado ainda mais.

4

FUI PARA O BAIRRO À PROCURA DO NANDO E POUCOS MINUTOS depois encontrei-o. Queria desfazer-me daquele dinheiro, só queria que tudo acabasse e se possível que a vida me levasse e fosse o meu fim também.

— Nando. Bom-dia, tenho aqui o dinheiro que o Xavier pediu. — Retirei o envelope do meio do jornal e entreguei-lho.

— Olá, miúda. Como foi que conseguiste 1000 € do nada? — questionou-me enquanto olhava para o envelope.

— Não interessa. Está aí dentro do envelope, podes confirmar. Espero que o Xavier me dê mais tempo agora, como ficou combinado.

— Sim, não te preocupes.

— Obrigada, Nando.

— Cuida-te, miúda. E pensa no que vais fazer da tua vida.

Cheguei a casa um pouco mais aliviada, por ter ganhado uns dias para arranjar os 1500 € que faltavam. Mas fiquei com o olhar do meu pai cravado na minha mente. Fui à cozinha e abri o frigorífico, na esperança de avistar algo que sabia que não estaria lá. Não fazia ideia do que ia fazer da minha vida, não tinha dinheiro, quase não tinha comida, não tinha nada. E saber que a cocaína que me restava estava a acabar deixava-me ainda mais ansiosa. Podia não me alimentar um dia inteiro, mas não alimentar o meu vício parecia-me ainda mais cruel e penoso. Não via a tal bonança a chegar. Olhei para o telemóvel que tinha pousado em cima da bancada e lembrei-me da doutora Benedita. Não estava de todo preparada para agarrar a corda que ela me queria lançar. Ao mesmo tempo sentia que precisava de ouvir a sua voz doce. Hesitei um pouco mas decidi ligar-lhe.

— Bom-dia.

— Bom-dia, doutora — cumprimentei a medo.

— Quem fala?

— É a Camila. Estive consigo há dois dias no hospital.

— Camila, que gosto em ouvi-la. Como está?

— Acho que sabe a resposta. Está ocupada?

— Neste momento, não. Posso ajudá-la?

— Quando perdeu o seu filho sentiu alguma dor pior depois da perda? Ou foi atenuando a dor que já sentia?

— Nenhuma dor é igual à outra. Nem as pessoas, nem as situações e os problemas que se nos deparam. Seria injusto da minha parte fazer esse tipo de comparação. Sente-se pior hoje?

— Sim. Acho que não fui feita para ter a tal bonança.

— Acha que não se está a cobrar de mais? Passaram dois dias, Camila. É

normal que seja tudo muito incerto, principalmente a dor, que é sempre tão difícil de descrever e curar.

— Não sei, só acho que vai haver sempre algo pior. Já nem sei se esta dor que me atropela tem que ver com o Francisco.

— Eu acho que está num bom caminho.

— Como assim? Sentir mais dor é estar num bom caminho? É preciso sofrer ainda mais para vir algo de bom?

— Não. Mas o facto de me ter ligado mostra que sabe que todos nós precisamos de apoio. E ter dito que já nem sabe se a dor que sente tem que ver com a perda do Francisco mostra que se tem questionado. Que talvez haja mais alguma coisa para ser curada e feridas para fechar. Apesar do vício, a Camila era feliz quando vivia com o Francisco?

— O que é que isso interessa agora? — Fiquei sem perceber o motivo da questão.

— Se era feliz, talvez só tenha de trabalhar a dor da perda. Se não era feliz, deve procurar perceber as causas dessa infelicidade, se era a sua vida profissional, os seus medos e inseguranças, problemas externos. Só conseguimos curar uma ferida se a virmos e sentirmos, caso contrário torna tudo mais difícil.

— Só teve de curar a ferida da perda do seu filho?

— Sim, felizmente sim.

— Felizmente? Houve algo feliz aí?

— Sim. Tive uma família que me apoiou muito. Eu e o meu marido ficámos mais unidos que nunca, a dor uniu-nos. É curioso, mas o meu casamento é mais bonito agora. Acredita, Camila?

— Talvez a bonança a tenha escolhido a si.

— Escolhe todos. Se todos os dias dermos um passo a mais que no dia anterior. Lembra-se do que lhe disse? Não podemos querer mudanças se tivermos medo de mudar. Não podemos querer caminhar em frente se ficarmos estáticos. No fundo resume-se tudo a isso. Aos passos que damos, e, acima de tudo, é sobre quem caminha do nosso lado. Teria andado bem mais devagar se tivesse caminhado sozinha. Camila, imagine que vai dar uma caminhada de uma hora sozinha, aprecia a Natureza, ouve os pássaros. Sem dúvida que é algo precioso e relaxante, mas imagine que vai triste, desamparada, sem chão. Agora imagine que vai fazer a mesma caminhada, durante o mesmo tempo, no mesmo sítio, mas convida uma amiga para ir consigo. Acha que o tempo lhe vai parecer igual? Ou na caminhada com a sua amiga o tempo vai passar mais depressa?

— Não sei, talvez perca a noção do tempo se for a conversar, não sei.

— O tempo «anda mais depressa» quando temos as pessoas certas ao nosso lado. Não digo que não deve ter esse tempo para si, para estar só. Acho demasiado importante, até. Mas a vida é acerca disso, sobre quem caminha connosco, quem está nos bons e nos maus momentos, quem nos traz para a realidade

também, quem nos puxa as orelhas e quem nos diz «está tudo bem, eu estou aqui». A vida é sobre as pessoas, o que elas nos dão e a forma como nos entregamos. O isolamento não nos dá vida. Só a atrasa.

— Parece tudo muito bonito e positivo, mas na prática não é assim.

— Talvez, ou talvez não tenha feito a caminhada com as pessoas certas.

Mais uma vez, a doutora Benedita deixava-me sem resposta. Eu sabia que ela tinha razão, sabia as más escolhas que tinha feito, as pessoas que em vez de me acrescentarem algo bonito apenas retiravam mais um pouco de mim. Cada palavra que me disse serviu-me na perfeição, mas se houve coisa que aprendi naquele bairro foi a criar um escudo para me defender, dos bons e dos maus. E era difícil para mim admitir que ela estava certa.

— Não lhe tomo mais do seu tempo, doutora. Pelos vistos ainda tenho muito que aprender sobre caminhadas e sobretudo sobre pessoas.

— Todos temos, Camila, eu aprendo todos os dias. Estamos longe de saber tudo sobre o nosso caminho, muito menos sobre as pessoas. Sempre que precisar ligue-me, sim?

— OK. Obrigada.

— Adeus, Camila. Fique bem!

De alguma forma, a doutora Benedita tranquilizava-me, apesar de nunca o admitir, e sabia que tinha sido esse o motivo para lhe ter ligado. Ainda assim eu continuava ali parada, no mesmo sítio, encostada àquela bancada da cozinha que não passava de uma imitação, sem saber o que fazer nem para onde me dirigir. Aquele vazio parecia infundável, a minha impaciência fazia-se sentir constantemente. Só tinham passado dois dias desde a morte do Francisco e eu queria o quê? Que não sentisse dor? Que do nada surgisse uma solução para tudo? Essa incerteza de não saber o que esperar, nem saber o tempo que ia levar a lá chegar, fosse qual fosse o destino, doía. Por isso é que a morte parecia mais fácil, era mais fácil acabar ali, não ter de arranjar soluções, não ter de esperar por nada nem por ninguém; ao mesmo tempo faltava-me a coragem para colocar um ponto final, não sei se por cobardia ou porque lá no fundo se calhar a minha esperança de que um dia tudo mudasse permanecia.

Saí de casa para vaguear, sozinha, sabendo que o tempo ia ser mais longo assim. Aquele bairro nunca tinha sido bonito, mas nas traseiras de um dos prédios, lá ao longe, conseguia ver um bocadinho do Tejo. Era o meu lugar preferido ali, apesar do cheiro, que por vezes era nauseabundo e quase deturpava a beleza da pouca água que avistava. Às vezes fechava os olhos e quase sentia os mesmos raios de sol que invadiam o meu quarto todas as manhãs. Entre as mãos quase conseguia sentir a leveza dos lençóis brancos que me aconchegavam nas noites mais frescas. Era ali que de certa forma ficava mais perto de casa, uma casa que já não me pertencia, que já não conhecia a minha história e agora era o lar de outra família. Acredito que era aquele pedaço de rio que me fazia ter alguma esperança, ainda que pequenina. Esperança de que um dia tudo voltasse a ser como fora. Porque é que só aprendemos a valorizar algo quando o perdemos? Aquelas

frases que entopem os *feeds* das redes sociais até nos dizem muito. Mas parecem tão óbvias que nem nos damos ao trabalho de as sentir. Ali eu sentia tudo, e nunca foi tão fácil admitir que precisei de perder tudo para me dar conta de tudo o que tinha. E era tanto... Só sabia que aquilo que avistava ali era o melhor que eu tinha na minha triste vida. Se no dia seguinte o nevoeiro me impedisse de ver o meu Tejo, afinal já não tinha nada, não era meu, nunca seria, por mais que sentisse que o Tejo se doava a mim um bocadinho todos os dias.

— Camila, estás aqui. Andava à tua procura.

— Olá, Maria, assustaste-me. Está tudo bem?

— Sim, o Nando disse-me que já tinha entregado o dinheiro ao Xavier. Como foi que o conseguiste tão rapidamente?

— Pedi ao meu pai, mas não digas nada ao Nando, por favor. Além disso, o meu pai disse para não voltar a procurá-lo.

— Pensei que não falavas com ele.

— E não falava, mas tive de o fazer.

— Como é que estás?

— É só mais uma perda, no fundo já sabia que o meu pai não iria querer ver-me. Ainda por cima depois de lhe ligar a pedir dinheiro.

— Tem cuidado, miúda. O Xavier vai querer saber de onde veio esse dinheiro. Tens noção de como vais arranjar o que falta?

— Não faço ideia. Não consegues arranjar-me algum? Um dia eu pago-te, prometo.

— Eh, pá, Camila, pede-me tudo menos isso. Não me arranjes problemas, não consigo, miúda.

— Claro, eu arranjo forma — respondi-lhe, descrente.

— Tens ao menos comida?

— Pouco, também não tenho grande fome.

— Eu vou arranjar-te algumas coisas, ao menos para uns dias.

— Um dia compenso-te, és a única pessoa com quem posso contar. Obrigada.

— Tenta arranjar o guito que falta, Camila, pelo menos vê-te livre disso.

— Eu sei. Hei de arranjar alguma maneira.

Mesmo não me ajudando da forma que mais precisava, a Maria era a única com quem podia contar ali. Ela e o Nando, apesar de nunca ter tido grande relação com ele. Fisicamente destoavam muito um do outro: o Nando era alto e robusto, tinha a pele bem morena, ao contrário da Maria, com os seus olhos castanhos-claros e pele branca; dizia-lhe muitas vezes que mais parecia uma boneca de porcelana, com aqueles caracóis loiros. Tinha acabado de contar mais uma mentira, não só à Maria mas a mim mesma. De que forma ia eu arranjar? Se eu não podia pedir ao meu pai, como iria arranjar 1500 €? Voltava aquela sensação que me aprisionava, ao imaginar-me a vender o meu corpo para pagar uma dívida que nem sequer era minha. Custava-me acreditar que seria aquela a minha única solução, vender o meu corpo. Regressei a casa e quando estava para entrar o Xavier apareceu.

5

— **ENTÃO, MIÚDA? FIQUEI MUITO SATISFEITO POR TERES CUMPRIDO** o prazo que te dei — disse-me, enquanto os seus olhos percorriam o meu corpo.

— Xavier. O Nando disse-me que tratava da dívida contigo. Eu já disse que arranjo o dinheiro, não precisas de te preocupar.

— Eu sei. Eu confio em ti, já vi que sim. Mas adorava saber como foi que conseguiste o guito tão depressa.

— Foi um amigo meu, mas ele não conseguiu arranjar-me mais. O Nando disse-me que tinha mais algum tempo para pagar o que falta. Vou pagar tudo.

— Boa, já vi que tens bons amigos. Sim, tens cinco dias para arranjar o resto.

— Como assim, cinco dias? O Nando disse que tinha mais tempo — disse-lhe assustada.

— Então, perdeste a inteligência? Pensei que uma professora sabia que cinco é mais do que três — retorquiu com alguma ironia.

— Sim, mas o Nando não falou em cinco dias, deu a entender que tinha mais tempo.

— Pois, mas eu não dou a entender nada a ninguém. Gosto de ser prático e ter tudo certinho.

— Eu não consigo em cinco dias. Dá-me quinze dias, por favor, e prometo que pago tudo.

— Podes sempre fazer um adiantamento.

Aproximou o seu corpo franzino do meu, fazendo com que me encostasse à parede, pois não tinha outra escapatória. O Xavier era alto, mas o seu corpo não deixava dúvidas do vício que o consumia. Tinha um corpo frágil, mas nem isso servia para que não o respeitassem ali e não obedecessem às suas ordens.

— Eu não tenho nada, nem sequer dinheiro tenho para comprar comida.

— Há muitas formas de pagar e sabes bem que dás nas vistas aqui no bairro. E agora que não tens o Francisco podes libertar-te um bocadinho mais. Não te vão faltar clientes, acredita em mim.

Nojo. Só conseguia sentir nojo quando o Xavier proferiu aquelas palavras cobertas por um bafo de álcool e uma respiração que se tornava ofegante junto do meu ouvido. Tocou-me no pescoço e pedi que se afastasse. Sentia-me encurralada contra aquelas paredes. Naquele bairro quem mandava sentia-se no direito de tocar no corpo de uma mulher, usá-lo, como se de um objeto se tratasse. Era repugnante, como o corpo de uma mulher virava lixo e um objeto sexual. Nunca me tinha deparado com aquela realidade porque tinha o Francisco, e

dentro daquele inferno era ele que me protegia. Senti-me nua, despida de valores e só queria fugir dali.

— Xavier, o que estás a fazer? — questionou o Nando assim que chegou, não gostando de ver o que estava a acontecer.

— Nando. Vim falar com a tua amiga, dizer que estou muito satisfeito com a rapidez com que fez o primeiro pagamento, e dar o prazo para o segundo.

— O Xavier quer que pague em cinco dias. Não consigo, Nando. Disseste que tratavas disto, foi a única coisa que te pedi.

— Calma, e trato. Xavier, não foi isto que combinámos.

— Pensei que sabias que quem dita as regras sou eu. E não me lembro de ter combinado nada.

— Quinze dias, só te peço quinze dias, por favor — implorei.

— Vá lá, Xavier, a Camila vai pagar.

— OK, dez dias, ficamos pela metade. Nem mais um dia, ou então comesças a pagar com o corpo. Adeus, miúda.

Com a mão acariciou os meus lábios e pude sentir a penumbra no cheiro dos seus dedos. Senti que era o meu fim, e se fosse que viesse logo, pois acreditava não aguentar muito mais. Ninguém brincava ali: se devia pagava, fosse de que maneira fosse. Eu já não sabia para onde ir, para onde fugir. Deitei-me nos meus lençóis desbotados e pela primeira vez completamente despida de esperança. Se por algum instante acreditei que algo de bom poderia vir, essa crença tinha-me abandonado, pois estava completamente descrente.

Comecei a conformar-me com o que tinha, e a ter de encarar a dura realidade do que estava por vir. Tomei a decisão que mudaria toda a minha vida, cavei mais um pouco o poço, quando decidi prostituir-me e dei por mim cada vez mais longe da corda que me tiraria dali. A decisão mais difícil da minha vida, iria perder o que restava da minha essência. Mentalizei-me de que no dia seguinte ia ser outra Camila, ia escrever outra história. E se podemos um dia tirar a droga do nosso corpo, o mesmo não acontece quando o vendemos. Era um caminho sem volta, vender o que temos de mais sagrado.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto pedia que Deus me levasse, mas mais uma vez Ele não me ouviu.